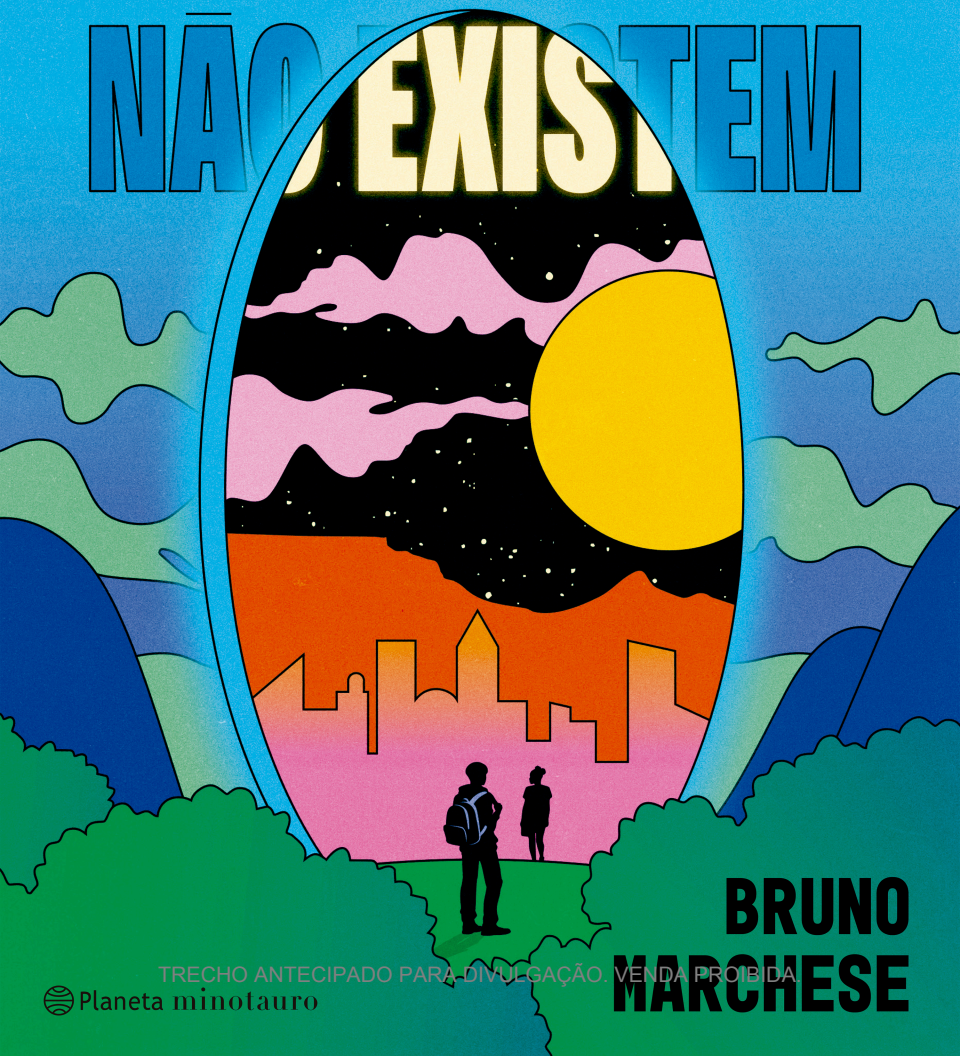


DISTÂNCIAS

NÃO EXISTEM



BRUNO

MARCHESE

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

DISTÂNCIAS

NÃO EXISTEM



 Planeta minotauro

**BRUNO
MARCHESE**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Bruno Marchese, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Todos os direitos reservados.

Preparação: Ligia Alves

Revisão: Thiago Bio

Projeto gráfico e diagramação: Matheus Nagao

Capa e ilustração: Filipa Damião Pinto (@filipa_) | Estúdio Foresti Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Marchese, Bruno

Distâncias não existem / Bruno Marchese. – São Paulo : Planeta do
Brasil, 2026.

384 p.

ISBN 978-85-422-4173-0

1. Ficção brasileira I. Título

26-1091

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2ª andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

– Vamos começar com uma pergunta simples – disse o homem sentado na poltrona, cedida pelo diretor da escola. – Feche a porta, sim?

Tinha um sotaque engraçado de estrangeiro, mas Arthur não riu. Obedeceu, encostando-a com cuidado. Seus olhos negros varreram o interior da sala. Já estivera ali algumas vezes, mas essa era a primeira em que o motivo não envolvia algum tipo de encrenca.

Não que Arthur fosse mal-educado, nada disso. Para um garoto de sua idade, especialmente um que crescera sem família, sabia muito bem como se comportar: era mais civilizado que seus colegas e até mesmo que alguns adultos da cidade. Também seguia as regras básicas de etiqueta – tirando o jeito relaxado como costumava se sentar, esparramando-se todo. Mas nada disso o impedia de arrumar confusão.

– Puxe uma cadeira. Arthur, não é isso? – disse o homem, sem levantar o rosto das páginas. Parou de folheá-las e alcançou uma caneta. Quando finalmente olhou para o garoto, Arthur assentiu. – A pergunta é simples: quantas garotas estudam na sua turma?

Intrigado, o garoto pensou por um instante.

– Acho que são doze... – respondeu, mas o rosto do homem permaneceu impassível. Era mais velho que o diretor, com cabelo e barba alvos. – São doze!

– Ótimo. Atento! – Marcou algo na página. – O que mais gosta de estudar?

– Literatura. Eu gosto de ler.

– Muito bem! E quais foram os livros que leu no ano passado?

Arthur respondeu enquanto o homem fazia novas marcações em sua folha.

Ao enumerar suas leituras passadas, pensou que era um privilégio ter uma biblioteca em São José de Cupertino. Modesta, é verdade, e, se ele continuasse sendo o único visitante, talvez a fechassem e atribuíssem ao local outro uso mais popular.

– Você parece um bom rapaz. Esperto, interessado... Quer mesmo ganhar essa bolsa de estudos?

– Sim, eu gostaria muito! – respondeu Arthur, enfeitando a voz.

O homem se inclinou para a frente e o analisou por cima dos óculos.

– Sabe que teria que se mudar, não sabe?

Sim, ele sabia. Mas acontece que o garoto de quem estamos falando não tinha nenhum carinho especial por sua cidade, a mais pacata do Brasil. Na verdade, o Brasil era cheio de cidades assim, portanto é injusto dar esse título a São José de Cupertino. Mas é fato que lá não havia muito o que destacar: algumas poucas ruas, um punhado de habitantes com quase nenhuma noção dos grandes acontecimentos do mundo, vivendo uma vida sossegada e isolada. As conversas eram, em geral, sobre os mesmos temas, entre eles a vida dos vizinhos, dos parentes dos vizinhos e de todos os primos e primas, que, em função do tamanho minúsculo do município, acabavam também sendo parentes da vizinhança toda.

Arthur sabia que seria difícil para alguém como ele escapar daquele lugar, por isso via a oportunidade como um passaporte para longe.

– Não sentiria falta dos seus colegas, amigos...?

– Não – exclamou, mas pensou em Caio, a única pessoa na cidade toda que Arthur considerava um amigo de verdade.

– E sua família? O que acharia disso?

– Eu não tenho família, senhor.

Falava a verdade: não tinha família, mas tinha uma casa. Quer dizer, não é tão correto chamar assim de “casa”. A residência em questão pertencia a uma senhora simpática, de poucas palavras e sotaque bastante caipira, chamada Rosa. Ela era a última moradora a acolher Arthur, separando um quarto para o menino, fornecendo comida e,

na falta de termo mais preciso, carinho. Outros moradores já haviam feito o mesmo que ela, mas Arthur não era exatamente o hóspede perfeito. Seus catorze anos, sua infância complicada e seu jeito incomum faziam dele um rapaz especialmente esquisito.

Vivia mais em outros lugares do que ali em São José de Cupertino, pois estava sempre distraído ou prestando atenção nos livros. Ia pouco à praça, que, como em toda cidade interiorana, era o ponto de encontro mais popular. Arthur era quase invisível aos olhos dos cupertinenses – e preferia que permanecesse assim.

Após um breve silêncio, o homem pigarreou.

– Agora vamos fazer um jogo, está bem?

Com um semblante bem mais convidativo, pegou algo na mala aberta no canto da mesa ampla e esticou o braço para posicionar três cartões numerados em frente ao garoto.

– Funciona assim: um desses cartões é premiado e os outros dois não valem nada. Se você acertar, vai ganhar um chocolate que eu trouxe lá dos Estados Unidos e nem existe aqui no Brasil – explicou, com um entusiasmo reservado, piscando para o garoto ao mencionar o doce. – Que tal, hein?

– Parece ótimo. Mas qual é a pegadinha? – O garoto sorriu. Adorava charadas e quebra-cabeças.

– Não tem pegadinha. Apenas diga um dos números – respondeu, num tom calmo e professoral.

Suas feições e roupas pareciam para Arthur as de um homem inteligente e importante. Não era comum ver alguém usando gravatas e camisas bem ajustadas por ali.

O garoto o encarou por um segundo.

– Três – exclamou, colocando a mão por cima do cartão para virá-lo.

– Espere, espere! Antes de virar o cartão, eu tenho uma proposta.

– Ele alcançou o cartão de número dois e o virou, mostrando que estava em branco. – Pronto. Como eu sei onde está o premiado, revelei um vazio. Você pode agora trocar pelo cartão um ou manter o três. O que prefere?

– Trocar – respondeu Arthur, sem titubear.

– Trocar? – O homem pareceu surpreso. – Algum motivo em especial?

– Sim, acho que tenho mais chances trocando.

– Mas não seria a mesma coisa? – Ele lhe lançou um olhar inquieto. – Dois cartões, um deles premiado... as chances não são iguais, de cinquenta por cento para cada?

– Não sei, senhor – disse Arthur, já bem menos convicto. – Pareceu para mim que, depois de mostrar um dos cartões errados, a probabilidade de ser o que sobrou tinha aumentado. Como o senhor sabe o correto, pensei que... É como se você filtrasse... – Ensimesmou-se, pensativo. Sem conseguir concatenar as próprias conclusões, decidiu por uma saída educada. – Bom, mas depois que o senhor explicou as chances parece idiotice.

– Não vai trocar, então? – insistiu o homem.

– Vou. Ainda assim, prefiro trocar – respondeu Arthur, alcançando o cartão de número um.

Minutos depois, saía da escola com sua mochila nas costas e uma generosa barra de chocolate, já aberta e mordida, nas mãos. As entrevistas durariam o dia todo e os alunos eram dispensados após passarem pelo procedimento. Tratou de embrulhar o prêmio com cuidado e guardá-lo – tinha planos de fazer a guloseima durar a semana toda. A escola estava quase vazia quando Arthur subiu em sua bicicleta e saiu pela rua de terra em direção ao seu lugar favorito. Sabia muito bem como iria gastar aquelas horas vagas.

Pensava sobre o teste e suas chances enquanto subia a trilha íngreme com pedaladas lentas e constantes – não era exatamente atlético e estivera quase a vida toda um pouco acima do peso. Sua professora de matemática havia explicado que a tal oportunidade era para poucas crianças e que todos os colégios da região estavam participando.

Outros colégios. Era isso que o preocupava, já que, apesar de não ser estudioso, a curiosidade e o gosto pela leitura garantiam a ele um bom desempenho, o que já era o bastante para estar entre os melhores na pequena escola da cidade.

O único “rival” que tinha nas disciplinas era Caio. Essa competição mantivera a antiga amizade viva, mesmo existindo um abismo entre a relação que tinham agora e a irmandade da infância. Caio era muito bom com os números, já Arthur tinha uma facilidade enorme com os textos,

tanto para escrevê-los quanto para interpretá-los. Também gostava de pedalar até os bairros mais afastados, na área rural da cidade, para passar a tarde lendo na grama, debaixo de alguma sombra de árvore.

Ficava a maior parte do tempo sozinho – e adorava! Nas poucas vezes em que era interrompido por alguém que surgia das casinhas ou sítios, não tinha vergonha de continuar mergulhado em sua leitura, ignorando tudo o que a pessoa falasse, prestando-se apenas a concordar emitindo algum som automático até que o caipira carente desistisse.

Foi assim que passou o resto daquelas horas, em sua sombra predileta, situada em seu morro predileto. A tarde caía sem pressa alguma e parecia que até o sol era um pouco mais preguiçoso por lá. Quando o vento invernal passou a castigá-lo, recolheu seus pertences e começou a decida habitual.

Esse era o fim de mais um dia pacato – pelo menos era o que Arthur achava. Ele não suspeitava, nem em seus sonhos mais malucos ou nos devaneios de suas leituras fantásticas, o que estava para acontecer. Na verdade, era quase impossível que qualquer coisa, por mais trivial que fosse, acontecesse em São José de Cupertino, que dirá algo quase mágico. Mas, se prestarmos atenção, é exatamente assim que a vida acontece: sem ordem, lógica, contra todas as estatísticas e sem respeitar padrão algum.

O terreno de dona Rosa ficava na beira da estradinha. O portão de madeira levava a um estreito caminho de terra gasto na grama malcuidada. Quando estava a pé, Arthur preferia trepar na parte lisa do arame farpado, já cavado pela prática. Mas estando de bicicleta era necessário abrir a porteira chaveando o cadeado, removendo a corrente e levantando uma longa tábua que deslizava lateralmente – deixá-la aberta era uma das poucas coisas que tiravam dona Rosa do sério, ainda mais quando Arthur dizia que “essa cerquinha tosca não vai impedir ninguém de entrar aqui”, e em seguida provava seu ponto, atravessando os arames.

Encostou sua bicicleta, que logo caiu atrás dele enquanto realizava de forma automática o procedimento para entrar. Sua cabeça passeava por caminhos novos e extravagantes que a tarde de leitura tinha lhe apresentado. A imagem da casinha na noite nascente por entre os espaços do portão, com as luzes da cozinha acesas e um barulho distante de

panela de pressão, tirou-o dos devaneios, e num instante ficou feliz e com fome. Dona Rosa cozinhava muito bem. Ele adorava comer – um dos motivos para se darem.

Quando se abaixou para pegar a bicicleta, um estampido grave rompeu o silêncio quase absoluto. Virou-se a tempo de ver um clarão colorido desaparecer por detrás das árvores que marcavam o limite do terreno. *O que faz um barulhão e uma luz estranha dessas, ainda mais no meio do mato?* Subiu na bicicleta como que por instinto e pedalou em direção ao som.

No meio do caminho, o impulso deu lugar a um medo bem razoável, afinal havia anoitecido, e, apesar de muito corajoso para a idade, seus catorze anos traziam ainda alguns medos infantis; o do escuro era um deles. Largou a bicicleta apoiada na parede da casa e fitou o matagal quase sem respirar. Não ouvia nada de incomum, apenas o estridular dos grilos e o coaxar dos sapos. Depois de dois minutos quase imóvel, entrou.

– Boa noite, dona Rosa – disse, atirando a mochila no sofá da sala.

O ambiente era na verdade uma mistura de cozinha, sala de jantar e de estar. O fogão a lenha recortava o cômodo: de um lado, pia e geladeira; do outro, sofá e televisão. O teto era um forro pintado de branco e o chão tinha piso frio e irregular, com ladrilhos em cores que não se davam bem. Era uma casa humilde, mas a falta de recursos não impedia dona Rosa de decorá-la com muita personalidade: porta-sacolas de crochê, tapetes e protetores de sofá que exibiam figuras coloridas de flores e frutas, todos bordados por ela com capricho.

Por toda parte havia objetos de louça em formato de animais – em especial vacas, pelas quais tinha uma predileção evidente. Os nichos acima da pia eram todos das vaquinhas, e havia mais delas nos ímãs da geladeira.

– Jantar tá pronto, viu, menino? – A senhora corpulenta, com o cabelo invadido por mechas grisalhas, mexia vigorosamente o conteúdo da panela de ferro com uma colher imensa. – Este domingo você vai comigo!

E apontou para um folheto em cima da mesinha da cozinha, depois, com o avental florido, secou a testa marcada. No folheto, lia-se: CONGREGAÇÃO DE JOVENS DA IGREJA DA MATRIZ.

– Só se você me arrastar! Já disse que não suporto missa – respondeu Arthur, mas com carinho, apertando os lábios.

– Que Deus tenha piedade da sua alma. Onde já se viu falar desse jeito? – Era muito religiosa, a ver pela quantidade de santinhos e objetos eclesiásticos nas prateleiras que circulavam a TV da sala.

Arthur concordou e se desculpou. Não queria deixá-la chateada. Depois encheu um copo de água no filtro de barro, espiou sorridente as panelas, foi para o quarto, fechou a porta, acendeu a luz e então freou o corpo num supetão, encharcando tudo em sua volta, após tomar o maior susto de sua vida.



Planeta minotauro

– Ei, garota, lembra! É a última parada!

Kaya estava suada. A gola de sua camiseta denunciava, exibindo o desenho molhado com o formato do queixo. Dormira o percurso todo com a cabeça apoiada na janela, exposta ao sol. Além do dia especialmente quente, o trajeto turbulento fazia da soneca um feito e tanto. Nenhum problema para ela.

Aprendera de pequena a dormir nas piores situações.

– Obrigada – respondeu ao rapaz na janela oposta, com quem dividia a última fileira do ônibus. Levantou afobada, puxou sua mochila do chão e saltou do veículo logo depois dele.

Encontraram uma pequena fila no portão destinado às visitas. O principal presídio feminino da Cidade do Cabo – e portanto um dos maiores da África do Sul – só permitia o acontecimento uma vez por semana, e era necessário se submeter a uma revista individual antes de entrar, por isso Kaya já estava acostumada a esperar do lado de fora.

Também reconhecia a maioria dos rostos ali presentes, sempre entediados e emburrados – era difícil manter a postura naquele mormaço. Um homem mal-encarado com uma cicatriz na nuca, uma mulher idosa curvada sobre a bengala improvisada, outra, mais jovem, que sempre vinha acompanhada de duas meninas pequenas com rabos de cavalo que não paravam de correr e brigar. A maioria mães e irmãs de presidiárias. O rapaz, entretanto, era novidade.

– Isso aqui vai demorar, não vai? – perguntou ele.

– Não muito, só se pegarem alguém de malandragem.

Deram sorte; a fila se desfez em poucos minutos. Kaya era a última. Cumprimentou a funcionária, que já conhecia.

– Pode passar, fofinha. Cada dia mais linda!

Era uma mulher robusta e de rosto amigável, mesmo fardada. Sheila, das mais antigas ainda em serviço – normalmente permaneciam por alguns meses até serem transferidas para outras funções. Sempre elogiava Kaya. Adorava a maneira como a garota se vestia. De fato, Kaya se destacava entre os visitantes, em geral pessoas humildes, com roupas simples e gastas. Ela não. Naquele dia estava com tênis rosa, uma calça amarelo-mostarda, blusa roxa com glitter, brincos em formato de dados, maquiagem em tons brancos e azuis e o cabelo em um rabo de cavalo alto.

O visual surpreendia mais ainda por conta dos treze anos da garota. *Que mãe deixa a filha sair assim na rua?*, questionavam as outras meninas que cruzavam com ela, com inveja. E estavam certas: Kaya era uma adolescente com dinheiro e sem pais, portanto podia se vestir exatamente como queria.

Encontrou o grupo do lado de dentro. Todos aguardavam em frente à porta da sala de visitas. Lembrava-se bem da primeira vez em que estivera ali, dois anos antes. Era exatamente igual: paredes verde-musgo, chão de cimento queimado, as luzes projetadas de luminárias posicionadas em intervalos regulares dos dois lados do corredor. Em um ambiente assim, a estética é sempre a última preocupação – e isso a incomodava muito.

Como sempre, o cenário mexeu com seu humor. Nunca sabia direito o que sentir quando fazia essas visitas. Felicidade por encontrar sua amiga? Tristeza por vê-la ali? As sensações brigavam em intensidade, e em cada visita uma saía vitoriosa. Hoje, Kaya estava mais feliz do que triste.

Trazia um presente especial.

– Veio ver sua mãe? – O rapaz a tirou de seu devaneio. Era bem mais alto que ela. Devia ter uns vinte anos e falava rápido.

– Não, uma amiga. – A voz dela era estridente e carregada de um desinteresse óbvio.

– Achei que meninas da sua idade não fossem presas. Ou, sei lá, que fossem para um lugar melhor do que este.

– Ela não tem minha idade, não. Era minha psiquiatra.

– Ah! Bom... – Ele refletiu por um tempo, coçando o braço com certa violência. – Ela deve gostar de te ver.

– Aham. – Kaya preferia ficar em silêncio, mas seus sinais nada sutis não estavam surtindo efeito. – E você veio ver...?

– Minha esposa. Quer dizer, não somos casados, mas ia acontecer. Temos um filho, que ficou com a mãe dela... Achei melhor não trazer. Não era pra ela estar aqui. A culpa foi minha!

Ele olhava para o chão enquanto atropelava as palavras. Era por isso que Kaya não gostava de conversar no presídio. Sua história já era triste e complicada o suficiente, não queria ouvir outras lamúrias.

– Sinto muito. – Tentou demonstrar alguma empatia. – Se serve de consolo, minha amiga também está aqui por minha causa.

Um sinal ecoou agudo pelo corredor. A porta se abriu. Atrás de uma das baias que separavam as detentas dos visitantes estava a doutora Amara, em seu macacão laranja, com o sorriso acolhedor de sempre.

